

A solução que foi possível para dívida

“Este é o aspecto da luz positiva que existe na economia brasileira no momento, no meio de tantas luzes negativas”. Assim o ex-ministro Mário Henrique Simonsen classificou o acordo da dívida externa fechado, em princípio, na semana passada entre o Brasil e os bancos privados. Mesmo professando outra tendência dentro das correntes da economia, o professor Francisco Lopes concorda com Simonsen e é ainda mais enfático: “Este é o acordo possível no último ano de um governo de transição com a economia em pandarecos”.

Simonsen lembrou que o Brasil passou todo o ano de 87 tentando acordos impossíveis e agora voltou ao “trivial bancário”. Os custos de tentar uma novidade impossível devem ser medidos, segundo o professor da Fundação Getúlio Vargas, não apenas em termos de retaliação dos credores. “Eles não aplicaram sanções diretas, exceto uma diminuição das linhas de curto prazo”. Os custos da moratória devem ser procurados na falta de financiamento do Banco Mundial, FMI e bancos oficiais além da “antipatia geral contra o Brasil” que inclusive está na raiz das retaliações comerciais que quase foram decretadas contra o país, apostou Simonsen.

O otimismo com relação à dívida externa manifestada pelo professor Simonsen supera até a do atual ministro da Fazenda. Ao contrário de Maílson da Nóbrega, que acredita em fluxo negativo com os bancos oficiais, Simonsen acha que o Brasil pode terminar o ano, se tiver bons projetos, tendo mais desembolsos dos bancos oficiais e multilaterais do que os juros que terá de pagar. O professor Dionísio Dias Carneiro, no entanto, lembrou o problema das “condicionalidades cruzadas” feitas pelos órgãos multilaterais que podem acabar retardando os desembolsos. “O Brasil pode acabar tendo o problema do México que deixou de receber desembolsos importantes do Banco Mundial porque eles dependiam de uma contrapartida, de um aporte de recursos locais, que não pôde ser feito por limitações impostas pelo controle do déficit público exigido pelo FMI”, disse Dionísio.

Pior que esse dilema é a questão ainda não resolvida do monitoramento do Fundo Monetário, lembrou Chico Lopes. O monitoramento ficará cada vez mais intenso no futuro, já que a estratégia dos bancos é diminuir sua participação no total da dívida brasileira e aumentar a dos organismos oficiais. “Como bons banqueiros que são, querem pular fora” disse Chico.

Dionísio Carneiro, ao elogiar o acordo, sintetizou o problema da economia brasileira este ano. “Estávamos caminhando para a recessão sem perspectiva. Agora continuamos caminhando para a recessão, mas com a perspectiva de algum ajuste do setor público”. Em outras palavras: “o acordo não é brilhante, mas o não-acordo seria bem mais fosco”. Chico Lopes discordou ligeiramente dessa tese: acha que a economia brasileira fecha o ano com um crescimento entre 2% e 2,5%. Foi o único a apostar nisto.